

O PROBLEMA NACIONAL DOS PAINÉIS

Vida literária e artística

1-MARÇO-1962
NÚMERO 188

Suplemento semanal do «Diário de Lisboa»

IMPOSSIBILIDADE DE SER GRÃO-VASCO

O AUTOR DAS CÉLEBRES PINTURAS DE S. VICENTE

A PÓS uma expectativa arastada durante cerca de dois anos, numa desbaratada série de artigos do pior «sensacionalismo», e não, co-

por
Adriano de Gusmão

mo competiria a assunto de tão magna importância, em livro sério e eruditamente fundado — demais prometido desde 1926! — surgiu enfim a revelação do grande e decisivo segredo!...

Os discutidíssimos Painéis, obra-prima do nosso Museu

(Continua na 19.ª página)



RETÁBULO DE LAMEGO — A Circuncisão (pormenor). Figuração idealizada, de traços fisionómicos esbatidos, numa modelação mais por mancha que por desenho, mesmo quando se suspeite da presença de um retrato (v. g. o sacerdote que apresenta o Menino).



POLIPTICO DE S. VICENTE DE FORA — Painel do Arcebispo (pormenor). Feições energicamente individualizadas, donde crermos corresponderem a verdadeiros retratos; traços fisionómicos firmes e sóbrios, salientando em sínteses magistrais e admiráveis de deenho o carácter e expressão de cada rosto

TERTÚLIAS DE LISBOA O GRUPO DA VENEZA

E NQUADRADO nos prédios altos da Avenida, muito próximo dos Restauradores e no coração da cidade, mas distanciado o bastante para que não o invada o seu bulício, o pequeno café dá pouco nas vistas a quem passa. O local é discreto e o espaço das mesas dos frequentadores é escasso. Uma vitrina envidraçada separa-o do exterior, como biombo apenas transitício. É aí que se reúne, com frequência que varia ao sabor das inspirações circunstanciais, a mais antiga tertúlia literária de Lisboa.

O estilo humano e convivente desses encontros de homens de letras tem evoluído muito com o tempo. A tradição boémia fialhiana dissipou-se; o sentido construtivo, muito marcadamente político, que caracterizou o «Grupo da Biblioteca» e, logo depois, o grupo da «Seara Nova» que o continuava, também se extinguiu. O «espírito» das tertúlias lisboetas, como o das madrilenas ou parisienses, vai acompanhando o ritmo cada vez mais — (Cont. pág. central)



O GRUPO DA VENEZA: Ferreira de Castro, Assis Esperança, Carlos Miguel, Alexandre Cabral, José Machado, Alves Redol, Roberto Nobre, Rocha Junior e César dos Santos

O PROBLEMA NACIONAL DOS PAINÉIS

(Continuação da 17.ª página)

Nacional de Arte Antiga, declarou há pouco o sr. José de Bragança, eram afinal obra do pintor Vasco Fernandes, o esquecido Grão-Vasco da fama. Porque, para o articulista, o Grão-Vasco não será — que trapalhada! — o viseense Vasco Fernandes do século XVI, conforme está de há muito averiguado, mas sim um inesperado, quando não desconhecido, Vasco Fernandes do século XV, artista homónimo daquele.

Em que termos se poderia fundamentar a atribuição dos Painéis Quatrocentistas provenientes de S. Vicente de Fora a este outro pintor Vasco Fernandes? Não sendo, como não é, por referência expressa em texto antigo ou documental, só o poderia ser por uma razão artística, quando se houvesse encontrado obra identificável do pintor do século XV e de evidentes afinidades estilísticas com a série dos Painéis de S. Vicente de Fora.

Ora bem, que aconteceu? Diz-se que se encontrou em Espanha uma pintura assinada por Vasco Fernandes, o do século XV, que seria portanto contemporânea da nossa gloriosa série do Museu das Janelas Velhas, em questão. Em primeiro lugar, a pintura não é devidamente referenciada. O autor da descoberta (?) não nos diz, como o faria e devia fazer qualquer investigador sério para com o leitor, o local onde se encontra esse quadro. Declara-se vagamente existir na região valenciana... Que perigo haveria para o descobridor (?) em desvendar o sítio em que encontrou essa pintura, se é que a encontrou? Ninguém já lhe poderia retirar a prioridade se, quando publicou o seu «sensacional» artigo, participasse qual a localidade espanhola, e igreja ou museu, em que viu esse quadro.

Depois, na gravura publicada no jornal, apenas se divulga a parte inferior dessa pintura com o tal ladrilho do chão onde é possível que se leia (?) a assinatura do pintor. Porque não se publicou, como era indispensável, um pormenor da figura, como a cabeça, por exemplo, a fim de a podermos comparar, sob o ponto de vista de estilo, com qualquer uma das tantas e magistrais cabeças pintadas nos nossos Painéis?

Temos pois e desde já duas importantes e graves omissões da parte de quem pretendia provar uma identificação desta montanha.

Ainda que, infelizmente, a História da Arte seja assaltada, como nenhuma outra disciplina da Cultura, por muito aventureiro e fantasista, sem qualquer preparação ou idoneidade, o certo é que os imperativos metodológicos dessa mesma História não perdoam a mínima falta de fidelidade de qualquer blasonador... Para que uma hipótese seja considerada a História da Arte exige a mesma base de rigor que domina em toda a actividade científica. Não é ocultando os elementos de prova que se convence quem for, quanto mais quem trabalha nestes mesmos problemas. Em igualdade de circunstâncias, o próprio articulista não acataria quem argumentasse tão deslealmente e com tanta fragilidade...

Mas nada haverá de concreto na sua última e tão gritada proposta?

Sim, há a existência histórica de um pintor português do século XV, chamado, como o seu posterior camarada do século XVI, Vasco Fernandes. Note-se bem, todavia: este pintor Vasco Fernandes do século XV já de há muito era conhecido dos nossos historiadores de arte. A origem desse conhecimento era a mesma que a do artigo em questão de Bragança: Elias Tormo (1902) e Sanpere y Miquel (1906), sobretudo através da obra deste último historiador espanhol, *Los Cuatrocentistas Catalanes*, onde se transcreve um documento de 1459 existente em Barcelona, no qual se regista a presença de dois pintores portugueses, um João Paiva, de Lamego; e outro Vasco Fernandes de seu nome. E foi precisamente Sanpere y Miquel o primeiro autor a fazer a distinção entre os dois Vasco Fernandes, o do século XV e o do século XVI (es-

te último, o quincentista, é o famoso da escola de Viseu). Portanto, neste capítulo, o autor dos artigos «escandalosos» não nos trouxe nenhuma novidade. Isto mesmo o articulista o confessou de modo confuso.

Dessa já velha página de Sanpere y Miquel derivou a congeminação laboriosíssima e demoradíssima do sr. José de Bragança. Levou mais de trinta anos a parturejar a sua «peregrina» ideia!

Mons parturienti! A montanha deu à luz um rato, mas que rato! Podia ser um raquítico animalculo. Foi pior que isso. O nado-morto é de configuração teratológica. Sim, é um autêntico monstro o que saiu da pena do sr. Bragança, durante decénios a ameaçar-nos com o «revolucionário» segredo que guardava na gaveta...

Não basta vir dizer com ar de autoridade: encontrei lá fora uma tábua assinada por um pintor Vasco Fernandes, que é não só o mesmo citado no documento espanhol de 1459 como, nem mais nem menos, o autor dos admiráveis Painéis portugueses provenientes de S. Vicente de Fora!

Fez o articulista prova documental e estilística?

Sob o ponto de vista estilístico, pelo reduzido pedaço dado em fotografia no jornal, ressalta que o rustico preguedo da roupagem, que aí se vê, não se harmoniza com qualquer pormenor das preciosas vestes das figuras dos nossos Painéis. Mas decisivo seria, bem entendido, a publicação íntegra da pintura de Espanha, algures na região valenciana. Não terá, porém, o próprio articulista recocado que a publicação completa do quadro excluiu a possibilidade de aproximação estilística?

Positiva, no entanto, seria a sua contribuição se o sr. José de Bragança, havendo encontrado em Espanha um quadro do pintor português do século XV, que só era conhecido por testemunho documental, não revelasse em termos de inspirar toda a confiança. Seria um bonito e honesto tema de trabalho. Ninguém lhe regatearia louvores pelo seu esforço. Mas foi mais lon-

ge do que devia, querendo meter-nos os dedos pelos olhos dentro...

Que prova a sua outra carta longamente escondida, esse extratorário documento, o manuscrito arquivado na Biblioteca de Braga?

Acetemos por boa a sua informação: o manuscrito do padre Jorge de S. Paulo datará de 1618. Um texto do século XVII leva-nos a fazer imediatas reservas a esse pretensu testemunho de uma lenda do século XV. A lenda diz respeito ao bispo de Viseu, D. João Vicente, o chamado Bispo do Azul, falecido em 1463, em agra de santidade. Segundo essa lenda, do seu corpo manaria milagrosamente um óleo que sarava os enfermos. E para dar maior força à maravilha, o autor desse manuscrito de 1618 recolhe mais o testemunho de: «Ana Fernandes ouvira dizer à sua Mãe houvera um Bispo nesta cidade chamado do Azul tido na terra por Santo, e afirmava a dicta sua Mãe que seu Avo Vasco Fernandes pintor hia tirar óleo do que corria da sepultura do Bispo Santo para aperfeiçoar as tintas das pinturas de mais portes.

É coveo este manuscrito da época do bispo D. João Vicente? Não. Entre a morte do célebre Bispo do Azul, assim chamado por ser fundador da Congregação de S. João Evangelista, cujos membros usavam trajo dessa cor, e o texto do padre Jorge de S. Paulo medeiam quase dois séculos! Depois, o testemunho invocado para essa história maravilhosa do pintor utilizar o óleo que escorria do cadáver do bispo de Viseu é o de uma Ana Fernandes que o ouvira dizer a sua mãe, a qual por sua vez o soubera do avô! Está-se a ver como se dilui na névoa do tempo o pretendido testemunho, e que valor histórico terá e qual o crédito que merece...

Demais, no século XVII, o Vasco Fernandes da fama, o que granjeara o cognome de Grão-Vasco, era o do século XVI, o de Viseu, o autor do admirado S. Pedro. E esta a tradição que se recolhe de todos os textos mais antigos de origem viseense. E de tal modo crescerá essa fama que,

no século passado, antes dos conscienciosos trabalhos do conde Raczyński, se atribuiu a esse mestre regional toda a melhor pintura antiga existente no País. Daí falar-se dele como de um Proteu e, antes das seguras investigações documentais de Maximiano de Aragão, de um quase mito.

Por consequência, o que há a inferir desse manuscrito de 1618 é que, para se dar maior realce à lenda do bispo de Viseu, se invocava o grande pintor quincentista da fama local (com documentação hoje averbada desde 1501-1502 a 1541-1542), sem se curar da incompatibilidade cronológica, a que os créditos cronistas fradescos eram alheios.

Até essa data de 1618 obriga a admitir que Ana Fernandes não podia ser senão a bisneta do verdadeiro Grão-Vasco, o autor de S. Pedro, e que, por sinal, casou muito tarde.

O valor testemunhal deste manuscrito seiscentista, arquivado na Biblioteca de Braga, é pois nulo quanto à existência em Viseu de um pintor do século XV, chamado Vasco Fernandes. Se repetimos, o manuscrito fosse coveo dos acontecimentos quatrocentistas teria o maior interesse, por testemunhar, pela primeira vez, a presença em Portugal de um pintor com o mesmo nome do que poucos anos antes vivia em Espanha. E então era natural que se tratasse do mesmo artista. Do exame que acabamos de fazer a esse texto resulta, porém, que devemos crer tratar-se de mais um depoimento acerca do tradicional Grão-Vasco da época em que crescia a fama do mestre viseense da primeira metade do século XVI, já suficientemente remoto para a respectiva dos homens da idade barroca.

E, por fim, note-se bem, o manuscrito não se refere a qualquer pintura em particular. Não serve, pois, para base de identificação de qualquer obra de arte.

Concluindo esta primeira parte da questão, nem o documento do século XVII nem a pintura do século XV (?), existente em Espanha, têm nada a haver com os Painéis de S. Vicente de Fora. Toda esta «construção», por absurda, inconsistente e estranha, histórica e estilisticamente, aos Painéis, os da *Veneração a uma figura santificada*, se lhe pode aplicar — nem mesmo com boa vontade... Por isso nem vale a pena discutir outras fantasias secundárias e do mesmo faz, como as pretendidas assinaturas nas tábuas de Lisboa...

Onde a «mirífica» proposta do articulista em causa se abraça as dimensões do teratológico, da anormalidade mais clamorosa, é na pretensão de aproximar entre si os nossos grandiosos Painéis do século XV (pintados, como é presumível, entre 1450-1460), e os da série de antigos retábulos de S. de Lamego, bem documentados, após a escrupulosa investigação do falecido prof. Virgílio Correia. Esses cinco painéis de Lamego, os que restam dos vinte que fizeram parte do destruído retábulo, são, conforme os respectivos contratos e recibos, da empreitada de Vasco Fernandes, de Viseu, e executados entre 1506-1511.

Querer aproximar estas pinturas, nitidamente quincentistas na sua inspiração e estilo de execução — note-se como são modelados e desenhados os rostos e os panejamentos — das de meados do século XV é pretender conciliar o *artisticamente impossível*. E dizer, ainda por cima, que a mais antiga e obra da juventude (!) e a quincentista, a de Lamego, produto da velhice do mesmo artista, é agravar o atabaliário da afirmação, *incrível* em quem se pretende especialista destas matérias. Face a o confronto elementar de uma das portentosas cabeças dos Painéis quatrocentistas com outras das pintadas nos quadros quincentistas de Lamego — e ver-se-á a diferença polar de processo e expressão que as separa — como os núcleos se excluem, de tal modo ilustram épocas, mentalidades e estilos oficiais distintos. E que uma evolução ao longo de uma vida nunca explicaria.

É tão disparatada essa aproximação, como a que nos é feita, por hipótese, ignorásemos hoje a autoria de obras de Domingos Sequeira e Columbano ou Malhoa,



POLÍPTICO DE S. VICENTE DE FORA (Séc. XV) — Painel dos Pescadores. Fundos inexistentes ou sumários; fortíssima individualização das figuras; inconfundível estilo do preguedo das roupagens, de acusadas arestas nas zonas de luz e sombra

e, quando as encontrássemos, dissessemos ignarmente que eram todas do mesmo artista! Isto é, as de Sequeira, da juventude do «Vasco Fernandes do séc. XVIII», e as de Columbano ou Malhoa, da fase final e senil do mesmo mestre...

Sustentar uma enormidade destas não representa, em qualquer erro em que pode cair um estudioso de arte, e portanto desculpável. Não, é a pura negação de uma faculdade visual de entender pintura. E, nestes termos, não há diálogo possível.

Podrá o articulista vir ainda, para não se confessar vencido, esgrimir, polémicamente, recorrendo a toda a casta de sofismas e afirmações gratuitas. Mas a verdade é a verdade. A sua «teoria — Vasco Fernandes», tal como foi desgraciadamente publicada, não vale nada. Não contribuiu em coisa nenhuma para o chamado Problema Nacional dos Painéis, porque nada teve *objectivamente, seriamente*, a haver com esta questão, a não ser através do prejuízo da atmosfera de escândalo em que tudo quis envolver. E o problema ficou como estava, isto é, permanecendo como mais plausível a atribuição «Nuno Gonçalves», proposta pelo dr. José de Figueiredo.

Podé o articulista forçar a verdade, como já aconteceu no relato de uma conferência pública... Mas se não sair do campo em que pôs o problema, se, em consciência, não se desviar dele, não poderá modificar a lógica das conclusões deste exame rigoroso e duro, certamente, mas imparcial. De futuro, nem sequer esta sua proposta de identificação será acompanhada, estamos disso certos, de um consolador ponto de interrogação... Todo e qualquer especialista qualificado a lançar, como já todos a lançamos, para o lixo da «petite histories»...

ADRIANO DE GUSMÃO



RETÁBULO DE LAMEGO (Séc. XVI) — A Circuncisão. Espaço interior profundo e arejado ou, noutros painéis da série, rasgados fundos de paisagem; vestes e panejamentos de preguedo naturalista, num estilo tão pessoal que identifica sempre este Mestre de Viseu